

Subimos o rio, vamos contra a correnteza

Remamos pela margem direita, subimos o rio, vamos contra a correnteza. Por ser muito largo, o Cururu parece tranqüilo e manso, suas águas dão a impressão de deslizarem lentamente. Eu percebo, porém, que não é com pouco esforço que os índios conseguem vencer sua resistência: a mansidão das águas esconde o seu peso e sua força. A leveza do rio é aparente e o trabalho não é fácil para os remadores.

É algo grandioso quando eles, em certos trechos, ao atravessarem para a outra margem, demoram-se mais no meio do rio, ou quando escolhem esse caminho do meio como o melhor para remar, talvez com menos correnteza ou menor perigo (quem sabe eles conhecem “A terceira margem do rio”¹ – Guimarães Rosa –, ou “O Caminho Perfeito”², Lao Tsé?). Olhar então para a frente e para trás, e principalmente para o longe, para onde os olhos já não podem mais enxergar, torna a canoinha, com seus curtos quatro metros e meio, um ponto minúsculo nesse rio tão grande, nessa floresta tão gigantesca, na imensidão de toda essa selva. Somos um ponto perdido no meio de todo esse mundo. Estar nessa parte do leito do rio proporciona-me a experiência de me situar, de me colocar no contexto de tudo o que nos cerca, de ver a *kobe*, seus tripulantes e passageiros com os olhos daquele pássaro lá no alto – uma águia, talvez – que deixou a floresta e sobrevoa agora o rio. Se olhar para o barco, será apenas um ponto o que ela verá. Não somos mais que um pontinho...

¹ Primeiras Estórias – João Guimarães Rosa.

² Tao Te King – Lao Tsé.